

Agora é Sua Vez!



Você é capaz de encontrar a imagem acima no caixão da Cantora Sha-Amun-em-su?

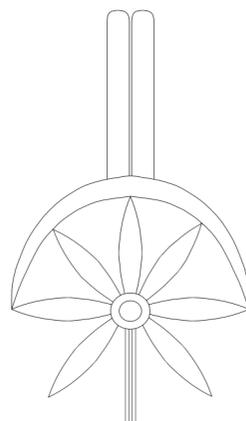
Ela representa o *Bú* da Cantora, um dos componentes espirituais dos seres humanos, dos deuses e dos animais.

Responsável pela individualidade, o *bú* é um elemento ativo e dinâmico que se separa do corpo após a morte. É representado como um pássaro com cabeça humana, sendo o responsável pela passagem do morto ao Mundo dos Vivos.



Quinta da Boa Vista—Bairro Imperial de São Cristóvão
Rio de Janeiro—RJ—Brasil
<http://www.museunacional.ufrj.br/>
Telefone: (21) 3938-6900
Informações: museu@mn.ufrj.br

Expediente:
3ª a domingo (incluindo feriados)
das 10 às 17 horas.



SESHAT

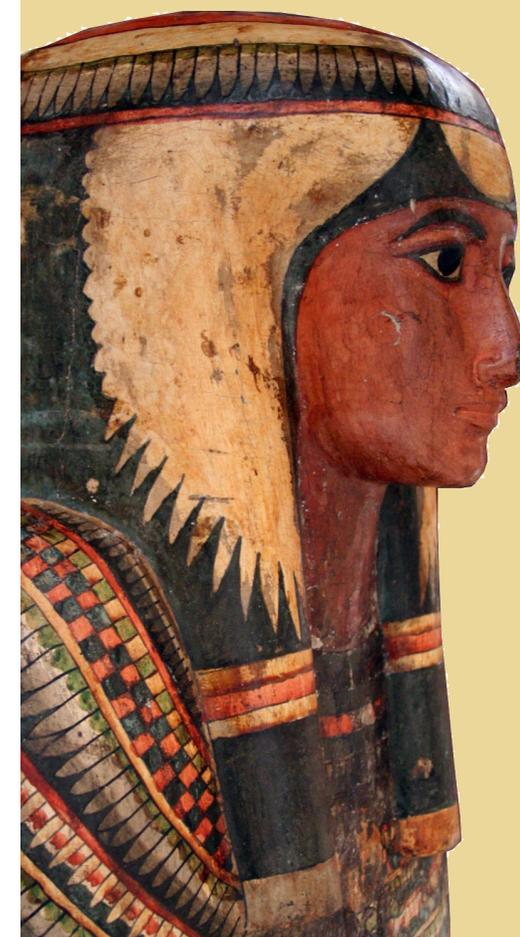
É o primeiro laboratório no Brasil dedicado especificamente à Arqueologia do Egito antigo. Nele, reúnem-se pesquisadores envolvidos em projetos de pesquisa sobre temas como religião funerária, paisagem, arte e novas tecnologias, assim como sobre a coleção egípcia do Museu Nacional, a maior da América Latina.

Os projetos desenvolvidos no Seshat estão ligados a pesquisas e outras atividades de ensino e extensão desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional. Além deste, integram o Seshat pesquisadores de outras universidades do Brasil, Portugal, Espanha e França.

<http://www.seshat.com.br/>
laboratorioseshat@gmail.com

**MUSEU NACIONAL
UFRJ**

Sha-Amun-em-su Uma Cantora do Egito Antigo



Quem foi Sha-Amun-em-su

Sha-Amun-em-su foi uma mulher que viveu no Egito Antigo em cerca de 800 anos antes de Cristo.

Pelas inscrições na tampa de seu caixão sabemos não só o seu nome, mas também que ela foi uma Cantora no Templo do deus Amun em Karnak.

Ela pertencia a uma elite de mulheres cantoras que participavam das cerimônias no templo cantando hinos durante os rituais e os festivais em honra ao deus.

Ela vivia na cidade de Tebas (moderna Luxor), onde está o templo de Karnak, um dos maiores centros religiosos do Egito e no qual trabalhavam centenas de pessoas, sacerdotes, escribas, cantoras, músicos, administradores e funcionários.

Existiam várias categorias de cantoras. Segundo as inscrições no caixão, Sha-Amun-em-su fazia parte do grupo principal de cantoras chamadas de *heset*, solistas que às vezes eram acompanhadas por um coral de outras mulheres.

As cantoras dos templos não eram obrigadas a viver no templo todo o tempo, muitas compareciam somente nos momentos das cerimônias. Elas eram preparadas para esta função desde criança, sendo “adotadas” por uma cantora mais velha que passava a ser sua mãe de ofício.

Não sabemos quem foi a mãe adotiva de Sha-Amun-em-su mas em um caixão, hoje no Museu do Cairo, pertencente a outra cantora chamada Mersset-Amun, há a menção de que a sua mãe adotiva foi a Cantora no Templo de Amun Sha-Amun-em-su.

Não sabemos nada sobre a família de Sha-Amun-em-su, mas a sua função de cantora do templo indica que ela pertencia a uma elite e que provavelmente seus parentes também tinham funções sacerdotais.

Como era Sha-Amun-em-su

O caixão de Sha-Amun-em-su nunca foi aberto desde que foi fechado pelos sacerdotes egípcios há quase 3 mil anos.

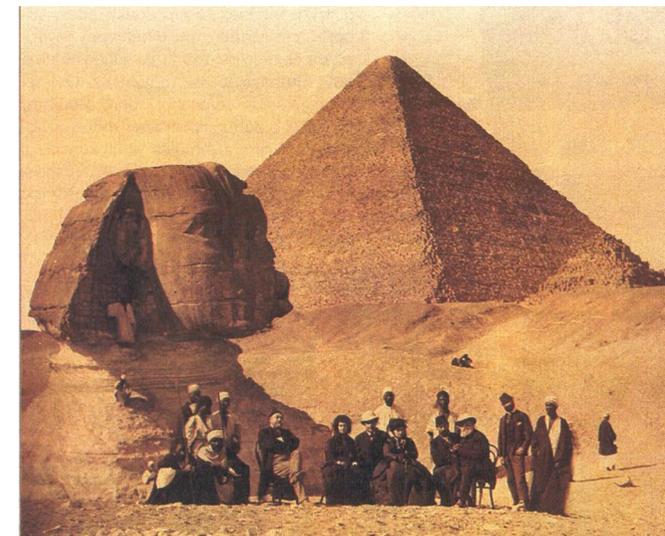
Em 2004, o caixão da cantora foi levado até uma clínica médica para ser tomografado. Desta forma foi possível examinar as condições da múmia e encontrar amuletos colocados pelos sacerdotes embalsamadores junto a seu corpo durante a mumificação. Estes amuletos tinham a função mágica de proteger a cantora durante a sua viagem até o Outro Mundo. A cantora morreu com aproximadamente 50 anos de idade de causa ainda não determinada.



Imagens de tomógrafo com o caixão e a múmia de Sha-Amun-em-su



Título e nome da Cantora Sha-Amun-em-su



D.Pedro II e comitiva visitando as pirâmides 1876

Em 1876, quando de sua segunda visita ao Egito, Dom Pedro II foi apresentado pelo Quediva Ismail rei do Egito com o belo caixão pintado da Cantora de Amun Sha-Amun-em-su. D.Pedro II o deixou em seu gabinete e dizem que este ficava em pé ao lado de uma janela do palácio. Durante uma tempestade, a janela teria se aberto com a força dos ventos e quebrado a lateral esquerda do caixão, que mais tarde foi restaurada.

O caixão da Cantora foi mantido no palácio até a Proclamação da República em 1889 quando, então, foi incluído na coleção do Museu Nacional.